



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

MEMÓRIA E IDEOLOGIA: REPRESENTAÇÕES DE HOMENS E MULHERES ACERCA DO MUNDO DO TRABALHO NO *SHOPPING CENTER*

Roney Gusmão do Carmo²¹⁵
(UESB)

Ana Elizabeth Santos Alves^{***}
(UESB)

RESUMO

As transformações no processo produtivo vivenciadas nesse início de século aportaram em Vitória da Conquista. Essa dinâmica impactou a concreticidade das relações sociais, mas, sobretudo, também atingiu o mundo de representações de homens e mulheres inseridos no mundo do trabalho e, para compreensão dessa dinâmica, o método dialético permite vincular a parte ao todo histórico, inserindo os trabalhadores à totalidade dialética inscrita numa história em curso. Nesse sentido, essa proposta de pesquisa visa analisar como a dinâmica capitalista adentrou as representações de trabalhadores acerca de sua condição, bem como os componentes advindos da memória social segundo o discurso desses sujeitos.

PALAVRAS-CHAVE: Memória social. Trabalhadores e Trabalhadoras. Ideologia. *Shopping Center*.

INTRODUÇÃO

Os debates em torno da memória são pertinentes para pensarmos as representações construídas socialmente e imbricadas numa totalidade histórica em movimento. Segundo Halbwachs (2006) toda memória é social, inclusive as

²¹⁵ Aluno do curso do programa de doutoramento em Memória: Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB.

^{**} Orientadora. Professora doutora do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB e do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas - DFCH.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

memórias mais particulares estão inscritas em quadros sociais. Assim, pensar na forma como homens e mulheres sustentam suas representações historicamente elaboradas significa solicitar o contexto social que os envolvem.

A proposta de investigação que aqui é posta tem como enfoque as transformações estruturais vivenciadas no Brasil nesse início de século que, inevitavelmente, atingiram a prática social dos sujeitos e remodelaram as condições concretas de sobrevivência. Nesse sentido, partimos do pressuposto de que as condições materiais participam ativamente da construção do mundo de significados, o que permite considerar as bases concretas onde se dão as relações sociais como parte constituinte das representações formuladas socialmente.

As representações sociais a que nos referimos, formuladas a partir de uma concreticidade, transitam no curso da história pelas relações traçadas entre os sujeitos. Assim, entendemos memória como representação do passado (ROSA et al, 2000), cujas significações são estruturadas em total vinculação com o contexto histórico (trafegam no decorrer da história), mesclando a outras representações em permanente movimento.

Assim, as relações sociais traçadas cotidianamente pelos sujeitos em seu espaço de trabalho ou em seus momentos de ócio perpassam por uma construção da totalidade material que define e é definida pelo homem histórico²¹⁶. Destarte, é possível supor que as transformações vivenciadas pelo modo de produção capitalista no decorrer da história impacta as relações sociais mais corriqueiras dos sujeitos, refletindo, inclusive, nas representações e nos valores socialmente elaborados. Ao reinventar formas de conservação e reprodução do capital, todo o metabolismo social, manobrado pelas classes hegemônicas, gera refrações no

²¹⁶ É um equívoco entender que, em Marx, as condições materiais puramente definem os sujeitos. Para ele existe uma relação dialética de mútua interferência, já que “sua argumentação não era contra as ideias, mas contra ideias não arraigadas na realidade humana e social, que não eram, para recorrer à expressão de Hegel, ‘uma possibilidade real’. Acima de tudo, ele jamais esqueceu que não só as circunstâncias fazem o homem: este também faz as circunstâncias” (FROMM, 1967, p. 31).



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

mundo de significados que orientam condutas e, por conseguinte, são recrutados pela memória.

Para realçar o que se afirma, é oportuno destacar a realidade vivenciada pelo Brasil – e também por diversos países de industrialização periférica – no final do século XX. Após um processo acelerado de inserção no modelo industrial tardio em meados do século passado, o Brasil adquiriu um novo *status* dentro da Divisão Internacional do Trabalho. Até os anos de 1970, houve um largo processo de reconfiguração do espaço geográfico nacional com vistas a tornar o terreno propício às corporações multinacionais. O Estado foi mobilizado para investir em infraestrutura, seja para escoar produção (rodovias, postos, ferrovias), seja também para viabilizar a produção industrial (hidrelétricas, parques industriais, formação de mão de obra qualificada). Essa empreitada tinha por motivação equalizar a economia nacional às demandas globais que, naquele momento, se demonstrava propícia à industrialização de países latino-americanos.

Se até o final da década de 1970 o cerne do crescimento econômico se centrava na intensidade e na diversificação da indústria, a partir da década de 1980 alguns sinais de transformação remodelaram a estrutura econômica global. Contudo, é muito relevante destacar que as mudanças sinalizadas pelo sistema capitalista nos últimos anos é, simultaneamente, conservadora. Isso por que as bases da conjuntura que sustentam a desigualdade e as muitas formas de exploração pareceram intocáveis, afinal, embora saibamos que transformações sejam parte do processo de reprodução do sistema, tais mudanças não podem ser interpretadas como antítese da conservação de bases que sustentam a estratificação social.

A dialética da relação transformação/conservação é, portanto, parte da subsistência do sistema, contraditório por natureza, ambíguo em sua essência. E essa mescla entre mudança e reprodução muito frequentemente passa despercebida aos olhares mais desatentos, assim, esquadrihar as bases materiais



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

do capitalismo e suas refrações para o mundo das representações sociais solicita levar em consideração a contraditoriedade que é inerente às condições concretas de transformação/conservação.

Nesse sentido, a base do sistema econômico brasileiro que emerge em meados do século XX parece ter sido superada pelas novas estruturas produtivas sinalizadas mais recentemente, entretanto, tais mudanças não significam a total substituição das condições anteriormente instituídas. O que se nota é uma dissimulação do conservadorismo capitalista, que incrementa os mecanismos de controle social e falseia a remontagem do *status quo*.

A realidade econômico-social que está produzindo na América Latina torna uma das teses básicas da doutrina neoliberal – que a desigualdade é fundamental para a eficiência e produtividade capitalista – uma lastimável profecia que vem se realizando. Face à lógica da concentração de capital de um lado e, de outro, a exclusão crescente, não faltam estudos encomendados pelos organismos que representam a *intelligentzia* dos grupos que protagonizam esta realidade. Cinismo? Preocupação com a manutenção da ordem? (FRIGOTTO, 2010, p. 95).

Diferentemente de meados do século XX, o final desse período foi marcado por um largo processo de privatizações, desmonte e sucateamento do aparelho estatal, desmantelamento da ordem sindical, incremento da microtecnologia e, dentre outros, remodelagem nas relações trabalhistas, cada vez mais fragilizadas com a anuência do Estado. O século XXI se inicia com um Brasil muito mais “internacionalizado”, com um Estado de influência minimizada e com o campo econômico absolutamente favorável ao capital especulativo internacional, resultando numa multiplicação exponencial da atuação de empresas transnacionais no espaço nacional, rastreando novos nichos do mercado consumidor e ferozes por mão de obra qualificada e disposta à exploração. Tais mudanças impactam o próprio espaço geográfico, principalmente de cidades com menor porte que, até então, não conheciam a intensidade do dinamismo



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

sugestionado por este novo paradigma de relações capitalistas. Esta busca frenética por novos nichos do mercado consumidor liga fortemente os menores centros urbanos à dinâmica capitalista global.

No que se refere à América Latina, o consenso implicava, em primeiro lugar, um programa de rigoroso equilíbrio fiscal a ser conseguido por meio de reformas administrativas, trabalhistas e previdenciárias tendo como vetor um corte profundo nos gastos públicos. Em segundo lugar, impunha-se uma rígida política monetária visando à estabilização. Em terceiro lugar, a desregulação dos mercados tanto financeiro como do trabalho, privatização radical e abertura comercial. Essas políticas [...] são assumidas pelas próprias elites econômicas e políticas dos países latino-americanos. (SAVIANI, 2010, p. 428).

As transformações por mais conservadoras que sejam se materializam no espaço, reorientando representações sociais e condutas dos sujeitos. Assim, discutir sobre a dinâmica da economia global implica analisar também acerca do microcosmos que se encontra inscrito nesse movimento, uma vez que a análise dialética implica a relação da parte com o todo histórico. Nessa ideia, as novas formas de organização do capital aportaram mais contundentemente em cidades menores, alterando também a dinâmica local e reorientando os significados socialmente compartilhados. Não queremos afirmar que o sistema inaugura a lógica do consumo, mas apenas a redinamiza segundo as demandas concretas do atual contexto histórico global e, por um efeito dialético, também local. Mais uma vez acionamos o método do materialismo histórico para lembrar que a forma como homens e mulheres lêem seu espaço de vivência está ancorada segundo condições concretas de existência e, portanto, associadas à materialidade das relações sociais.

Seguindo o raciocínio acerca das partes inscritas no todo histórico, nessa etapa do texto recortaremos com maior precisão um fragmento da totalidade dialética, tendo em vista viabilizar a construção do objeto de estudo. Partiremos do município de Vitória da Conquista – situado no interior da Bahia – cujo porte



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

mediano permite situar sua dinâmica às transformações verificadas pelo dinamismo econômico e social do atual momento histórico.

Nitidamente o espaço geográfico desse município sofreu profundas alterações a partir da década de 1990. O comércio local, até então de proporções insipientes, passou a sofrer a concorrência com grandes empreendimentos e franquias internacionais que aportaram na cidade. Tal fato remodelou a dinâmica urbana, resultando na formação de grandes bolsões de prosperidade e pobreza, contrastados com a acentuada exploração da mão de obra local, associada à falência de micro negócios sufocados com o poder de redução de preços, diversificação de produtos, *marketing* milionário e ampla concessão de crédito. Essa combinação foi crucial para reestruturar a dinâmica do comércio local, impondo uma sensação de suposta prosperidade ao município nesse início de século, utilizada inclusive como plataforma de campanha política. Assim, o processo de dispersão e mobilização geográfica das unidades produtivas vivenciadas nesse início de século (HARVEY, 1993) atingiu Vitória da Conquista, emergindo, no espaço geográfico da cidade, diversos logotipos emblemáticos do capitalismo transnacional.

A agudeza dessas mudanças conservadoras que marcaram a virada de século também possuem efeitos nas representações sociais de homens e mulheres inseridos nesse processo. Se por um lado a exploração da mão de obra, realçada pela fragilidade dos contratos de trabalho temporário e pela fragilidade da organização sindical, resultou na formação de um contingente de trabalhadores cronicamente subordinados à volúpia do capital; por outro, tais trabalhadores também adentraram a engrenagem de consumo exacerbado, constituindo-se em escravos voluntários do novo projeto burguês de sociedade servil.

A mútua motivação estabelecida entre o trabalhar e o consumir parece ser utilizada pelo capital como estruturadoras do senso de identidade dos sujeitos. O apelo de mídia, ao menos, tem sido nesse sentido, bem como as mensagens



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

apresentadas aos trabalhadores que sutilmente são constrangidos a se adequarem ao modelo de consumo imposto pelo grupo social que lhe é apresentado através do próprio espaço de trabalho. Nessa lógica, a razão de trabalhar está em manter-se no consumo, com vista a tornar-se como sujeito existente na lógica do sistema. O não consumo, ao final, extingue o sujeito de sua prática social e, conseqüentemente, extirpa-lhe a existência.

Para transpor esta análise ao campo empírico, temos como recorte o espaço do Shopping Conquista Sul, inaugurado em 2006 e que, até o presente momento, tem passado por um vertiginoso processo de expansão, com adesão cada vez mais recorrente de franquias nacionais e internacionais. A construção e crescimento deste empreendimento – hoje identificado como um dos maiores da região Nordeste – é reflexo de toda dinâmica socioeconômica do capitalismo global que anteriormente discorreremos.

Como a maioria dos Shoppings, o Conquista Sul contém uma estrutura predial ampla, muito bem iluminada e climatizada, gerando a sensação confortável de espaço propício ao consumo e à realização individual. As relações de exploração, os conflitos oriundos das novas formas de subjugação do trabalhador não precisam ser expostas, já que as ambigüidades da exclusão podem ser ofuscadas pelo golpe de luz que as “catedrais do consumo” realizam. Adentrar o espaço do shopping significa, nesse sentido, ter acesso privilegiado ao “melhor” que o mundo do consumo poderia dispor, significa também usufruir da vida social disponível pela praça de alimentação e composta pelas vitrines que apresentam os meios para efetiva realização. O espaço em análise permite efetivamente entender em que momento que as condições concretas se convertem em fetichização, representações e, por efeito, em atitudes. As visões de mundo apoiadas no consumo são apresentadas aos que frequentam o shopping e, por conseguinte, reorientam a prática social com vistas a garantir a reprodução do capital. Ocorre,



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

então, um “esvaziamento da atividade social” (LUKÁCS, 1992, p. 127), efeito ideológico das condições concretas onde vivem os sujeitos.

Este homem-mercadoria só conhece um meio de relacionar-se com o mundo exterior: o de te-lo e consumi-lo (usa-lo). Quanto mais alienado estiver, tanto mais a sensação de ter e usar constituirá sua relação com o mundo. Quanto menos você é, quanto menos exprime sua vida, tanto mais você tem, tanto maior é sua vida alienada e maior a poupança de seu ser alienado. (FROMM, 1967, p. 60).

No embate dessas relações contraditórias estão os trabalhadores, situados numa situação ambivalente, que oscila entre a posição de empregados subjugados ao sistema e de consumidores coagidos a exteriorizarem uma indumentária impecável requisitada pela socialização que o trabalho lhe permite. O capitalismo, assim, excede o *status* de sistema econômico para se tornar componente cultural capaz de orientar significados de homens e mulheres, guiando-os em sua ação cotidiana (LUKACS, 1992). Dessa forma, podemos entender que, para além da consciência atribuída – aquela imputada a uma determinada classe social, que supostamente revela o pensamento da mesma – podemos lembrar que existe também a consciência empírica, entendida como a real, ou seja, a consciência vista de dentro do grupo, aquela que a classe tem sobre si mesma. Logo, uma classe proletária pode ter uma consciência empírica absolutamente dominada pela ideologia burguesa, cuja causa está na histórica formação ideológica desse grupo, bem como no fascínio exercido pela mercadoria nesse novo paradigma econômico.

Uma ideologia nacionalista, populista, conservadora, enfim, todas as modalidades da ideologia burguesa podem estar presentes na consciência empírica. Se se fizer um levantamento em um país determinado, em um momento determinado, da opinião dos proletários, as concepções que poderão emergir poderão estar bastante distanciadas do que se poderia considerar a verdadeira consciência de classe do proletariado (LÖWY, 2006, p. 125).



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Essa noção parece romper com a concepção marxista tradicional, que considera a consciência de classe operária sempre antagônica à consciência da classe burguesa, entretanto, esta ideia apenas amplia a análise, tornando a dicotomia burguesia/proletário uma relação muito mais complexa e menos previsível como julgavam alguns. Afinal, o fato de o trabalhador pertencer à classe operária não significa necessariamente que este sujeito pense como tal e tenha atitudes previsíveis de quem pertença a tal lugar, especialmente num contexto de total manipulação de significados a serviço da engrenagem econômica. Assim, é prudente tentar visualizar a consciência do trabalhador sobre si mesmo a partir do interior deste grupo e não apenas segundo a previsibilidade da teoria que, muito frequentemente, imputa-lhe representações.

Ao debruçar sobre o mundo de significados, bem como sua articulação com a dinâmica global, tem-se a oportunidade de entender os sujeitos históricos dentro de uma concreticidade dinâmica, pois as representações sociais carregam ideologias que sedimentam nas significações posturas equalizadas ao metabolismo social. Nesse sentido, moldar as visões de mundo é parte significativa da empreitada capitalista com vistas à reprodução do capital, uma vez que, adentrando as significações dos sujeitos, tem-se formada uma servidão voluntária, cuja adesão é consentida e a manipulação é dissimulada. O empenho ideológico no sentido de equalizar as visões de mundo dos sujeitos segundo as bases materiais econômicas atualmente existentes corresponde a um processo longo e insistente, que hoje se sedimenta nas representações dos homens e mulheres quando dão significado às suas práticas sociais em total acordo com os valores capitalistas.

É a partir dessa constatação que nasce a presente proposta de pesquisa, que tem como ponto de partida a memória social dos trabalhadores do Shopping Conquista Sul acerca de sua condição social, seja na posição de trabalhadores ou de consumidores. Para formulação dessa proposta, partimos da seguinte hipótese: Os trabalhadores do Shopping Conquista Sul contém representações sociais



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

contagiadas pela ideologia do consumo, que os impulsionam a adentrarem um padrão “bem sucedido” de conduta. A memória possui uma participação significativa, pois permite aos sujeitos herdarem significados sobre o que é ser trabalhador a partir da ideologia historicamente construída pelo capitalismo internacional. Se por um lado a memória conservou novas concepções sobre o que é ser trabalhador/consumidor dentro dos novos paradigmas do capitalismo, por outro lado, a memória da luta de classes, vivenciada no Brasil em meados do século XX, parece ter sido dissolvida e ofuscada pelo suposto crescimento econômico vivenciado pelo Brasil nesse início de novo século. Assim, a consciência de classe – aquela frequentemente imputada ao trabalhador – supostamente se tornou obsoleta aos novos moldes do sistema. Essa relação dialética entre a memória e esquecimento gera a identidade do novo perfil de trabalhador no século XXI, disponível ao trabalho, arrebatado pela ideia do *status* gerado a partir do consumismo e, sobretudo, destituído da consciência de classe e nutrido com a consciência empírica subsumida pelo conservadorismo burguês. O individualismo parece estar no escopo do pensamento moderno, cujos sujeitos compõem uma geração desmembrada da luta coletiva, com objetivos coletivos. O que se nota é que os trabalhadores do shopping são jovens, muitos nascidos entre décadas de 1980 e 1990 e, portanto, frutos de uma sociedade colonizada pela ideologia do mercado especulativo internacional, desarticulada sindicalmente e conformada com a lógica do consumo.

A partir do exposto, o objetivo central da proposta de estudo consiste em: Compreender a memória social dos trabalhadores do shopping acerca de sua identidade como categoria e articulação com o consumo, tendo em vista perceber os efeitos da ideologia capitalista contemporânea para a formação dos sujeitos em seu espaço de trabalho. Nesse sentido, questionamos: Qual é a memória social presente no discurso dos trabalhadores do Shopping Conquista Sul acerca do



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

mundo do trabalho e sua vinculação dialética com a dinâmica sinalizada pelo sistema nos últimos anos?

REFERÊNCIAS

- FRIGOTTO, G. **Educação e a crise do capitalismo real**. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- FROMM, E. **Conceito marxista do homem**. 4. ed. São Paulo: Zahar, 1967.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. 2. ed. São Paulo: Centauro editora, 2006.
- HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. Trad. Adail Sobral. São Paulo: Loyola, 1993.
- LÖWY, M. **Ideologias e Ciência Social: fundamentos para uma análise marxista**. 17. ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- LUKÁCS, G. Sociologia. In: NETTO, J. P. **Sociologia: Lukács**. São Paulo: Ática, 1992.
- ROSA, A., BALLELLI, G & BAKHUST, D. Representaciones del pasado, cultura personal e identidad nacional. In: _____. **Memoria colectiva e identidade nacional**. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 2000. (p. 41-87).
- SAVIANI, D. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 3. ed. Autores Associados: Campinas – SP, 2010.